

Ceará

Jamilly e a juventude que enche os olhos de alegria no Semiárido



Aos 18 anos, Jamilly Hellen da Silva Ferreira já têm o próprio roçado de algodão agroecológico.

A Jamilly tinha uns 12 anos quando tentou aprender a usar uma matraca no cultivo de feijão. Desde menina, já gostava de acompanhar os pais no roçado. Achava bonito o cuidado com as plantas e ver brotar do chão a própria comida. Aos 18, ela enche os olhos d'água ao tentar explicar a alegria de viver do jeito que vive. Intercala as aulas da faculdade e o trabalho como professora particular com a lida na plantação de algodão.

Levada pela mãe, Maria Marlene, a jovem embarcou nesse projeto e é a mais nova de um consórcio com sete pessoas. É o primeiro ano dela com plantação própria.

“Quando começou a ideia do algodão, as pessoas disseram: você é muito doida participar de uma coisa que não é nem certeza se vai dar certo, não sabe se vai nascer, numa terra fraca. E ela [mãe] diz uma coisa que é verdade, que a terra não é fraca. Fracos somos nós que tiramos tudo da terra e não temos a consciência de que ela também precisa da gente”, referencia.

A firmeza nas decisões e o gosto pelo trabalho na roça foram despertados pelos exemplos das mulheres da família. Ela conta que, da mãe, veio a certeza de que é preciso nutrir a terra que devolve o alimento. Da avó, a vontade pela independência financeira e necessidade de valorizar as próprias ideias.



O pai, José Acácio, a irmã mais nova, Jennyffer Samylli, a mãe, Maria Marlene, e Jamilly Helen, em frente à casa da família, no Bixopá

“O nome da minha mãe é Maria Marlene. Mas todo mundo conhece ela por Maria de Carlota. Porque era o nome da minha vó. As duas mulheres que são minha base. E eu acho, assim, as pessoas falam que ‘Jamilly, você é tão forte’, mas eu aprendi a ser forte porque eu vivi e vivo com mulheres que são muito fortes e que não deixam te abalar por qualquer coisa”, afirma.

Além do algodão, a família mantém um canteiro no quintal de casa, com cebola, coentro, pimentão, pimenta malagueta e até alface. “A gente planta feijão, mandioca, algodão, milho...”, lista Jamilly, que reside com os pais e a irmã mais nova na comunidade de Cabeça da Vaca, do distrito de Bixopá, em Limoeiro do Norte.

Beneficiadas pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), elas e ele pretendem utilizar a cisterna calçadão tanto para o cultivo da nova cultura quanto para o plantio de acerolas e outras frutíferas.

Ainda menina, Jamilly também gostava de brincar de sala de aula. Na época da escola, participou de um projeto em que teve a oportunidade de auxiliar nas aulas de crianças. Pegou gosto e escolheu a pedagogia. Acabou de entrar na faculdade, mas já dá aulas particulares de reforço para os pequenos da vizinhança, com os quais diz aprender mais do que ensina.



No quintal de casa, a família também cultiva hortaliças, árvores frutíferas e ervas medicinais, tudo para consumo próprio.

“O ser criança é um ser muito espontâneo. Não guarda nada. E eu acho que às vezes a gente precisa ser um pouquinho criança e ter um olhar inocente, um olhar bondoso”, compartilha.

Outra vontade é a Arquitetura, mas essa fica em segundo plano, como um passatempo de projetar coisas e imaginar construções.

“Porque eu gosto muito de planejar, elaborar as coisas. O pessoal fala que eu sou muito criativa e acho que demorei muito pra aceitar isso, mas acho que eu sou um pouquinho”, confirma.

Antes de falecer, a avó materna de Jamilly aconselhou que a menina buscasse um rumo próprio na vida, para não depender de um futuro companheiro. A lição foi levada a sério e a fizeram investir em conhecimento e em ter uma carreira.

“A minha vó vivia dizendo que não queria que eu tivesse a mesma história dela, que casou muito nova. Isso acabou privando ela de muitos sonhos. Por isso, ela sempre me abriu os olhos pra que eu não me deixasse levar pela cabeça de ninguém e fizesse o meu também, pois ninguém sabe o dia de amanhã”, relembra.



Jamilly integra uma rede de produtores de algodão agroecológico articulada pela EFA Jaguaribana. A produção da rede já tem comprador certo: a Vert/Veja, empresa francesa de produção de tênis.

Os gostos da jovem não se limitam aos cuidados com a casa, roça, quintal e sala de aula. Como qualquer outra pessoa nessa idade, Jamilly adora dançar, ouvir música, tomar banho de açude e se balançar na rede.

Ela é a terceira de quatro filhos. Os dois irmãos mais velhos buscaram trabalho na cidade. A irmã caçula ainda está na escola, mas já contribui com o plantio do algodão e cuidados no quintal.

Jamilly até tem planos de sair por aí conhecendo tudo o que puder, mas pretende conservar o que vem construindo ali, onde entende como lar.

“Quero conhecer muitos lugares. Mas eu não quero morar não. Porque eu acho que aqui é o meu lugar. É o meu cantinho. As minhas raízes estão aqui”, define.

“As pessoas olham assim pra mim e dizem: Jamilly, você é tão nova ainda, vá pra uma festa, vá curtir, se divertir. É essa minha forma de se divertir. É estar com a minha família, poder comer um alimento saudável, me alimentar bem, poder saber de onde veio aquilo. Seja de um cajueiro, uma manga, uma acerola. Acho isso muito importante. Muito, muito, muito mesmo”, completa.



Segundo Jamilly, a cisterna calçadão servirá para irrigar a plantação de algodão e cultivar frutas.